

RELAÇÕES LUSO-BRASILEIRAS: DA RECENTE MASSA CRÍTICA A UM OPORTUNO PROJETO DE AÇÃO

Gilda Santos*

Um dos muitos contributos importantes que as comemorações em torno dos “500 anos” do Brasil aqui nos legaram terá sido a grande produção de massa crítica em torno de temas ligados às relações luso-brasileiras. Efetivamente, a par de alguns poucos eventos marcados pelo fracasso – e por isso mesmo efêmeros –, restou-nos uma vasta bibliografia de revisitação e revisão desse complexíssimo diálogo entre dois países, cuja retórica oficial ora os nomeava de “Pai e Filho” ora de “Países irmãos”, para horror de antilusitanistas ferrenhos empenhados em acentuar as feridas do embate entre colonizado e colonizador.

Do que me foi possível ler na grande imprensa, na internet, em periódicos universitários e em livros os mais variados, pareceu-me que a tônica dos enfoques deslocou-se da contínua reduplicação de estereótipos, positivos ou negativos, para a observação mais objetiva – e inevitavelmente mais madura – dessas relações. Sob esse novo olhar, esfumou-se a imagem lusófoba de um português pobre, burro, sujo e ganancioso, que emigra para o Brasil em busca da “árvore das patacas” – imagem camiliana sobretudo veiculada por intelectuais brasileiros comprometidos com a afirmação nacional diante da antiga metrópole, que se

* Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq.

alargou até as camadas populares urbanas, ameaçadas pela presença de concorrentes no mercado de trabalho.¹ Mas esfumou-se também a imagem lusófila do português laborioso, empreendedor, sonhador e sentimental, que ama como seu o novo solo, embora não deixe de sonhar com o regresso à algo mítica “terrinha” – imagem cultivada pelos líderes da “colônia” nas casas regionais recreativas e associativas. Essas sínteses redutoras repetidas à exaustão durante anos a fio deram lugar a estatísticas, levantamentos, rebusca de fontes, edições de documentos arquivados, que se espalharam por incontáveis páginas, em volumes ou na *internet*, em que se lêem registros mais sólidos e multifacetados da avaliação recíproca entre Brasil e Portugal.

Assim, num saudável propósito de repensar o estabelecido, que se inicia antes mesmo do ano 2000 e perdura até os dias que correm, têm vindo à tona nomes e temas calados ou esquecidos. Exemplo claro será a importante atuação do grupo de intelectuais portugueses exilados no Brasil, sobretudo nos anos 50/60, que interagiram intensamente com o meio universitário e cultural brasileiros da época e que, na grande maioria, se reuniram em torno do jornal anti-salazarista *Portugal Democrático*, editado em São Paulo entre 1956 e 1975. Nomes caros ao mundo das Letras ou da História, como os de Adolfo Casais Monteiro, Jorge de Sena, Jaime Cortesão, Rodrigues Lapa, Joaquim Barradas de Carvalho, integraram o que Antonio Cândido,² numa conferência de 1998, chamou de “missão portuguesa virtual”, em alusão às missões oficiais italiana, francesa e mesmo portuguesa, que alicerçaram a Universidade de São Paulo. Estes dados, até há pouco praticamente desconhecidos, já renderam uma Exposição Fotográfica, alguns ensaios, uma tese acadêmica, pesquisas em curso e a organização de um livro de ensaios.³ Ou seja, parece que finalmente foi ouvida a frase-queixa de Carlos Drummond de Andrade sobre esses imigrantes

1 Valho-me aqui das palavras precisas de Aníbal Bragança, em carta publicada na Revista de Domingo, do *Jornal do Brasil*, em 11 de agosto de 2002, página 6.

2 Conferência “Intelectuais portugueses e a cultura brasileira”, proferida na Unesp/Araraquara, no dia 1 de setembro de 1998, em sessão do Congresso Internacional “Sinais de Jorge de Sena”.

3 A Exposição “Sinais de Jorge de Sena e outros escritores portugueses contemporâneos”, patrocinada pelo Sesc-SP, foi exibida no Congresso referido na nota 2, no 6.º Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas – AIL – (Rio, 8-13 de agosto de 1999) e na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (agosto-setembro de 1999). Os ensaios são de minha autoria e da autoria de Douglas Mansur da Silva. A dissertação de mestrado é sobre o *Portugal Democrático* e foi defendida na Unicamp por Douglas Mansur da Silva, em 2000. As pesquisas em curso são as dos doutorandos Cláudia Atanázio Valentim e de Leonardo Trotta, ambos da Faculdade de Letras/UFRJ. O livro, organizado por Rui Moreira Leite, encontra-se no prelo.

intelectuais portugueses no Brasil, escrita em 1972: “os benefícios que trouxe[ram] para o meio cultural brasileiro não foram ainda avaliados.”⁴

Noutra direção, mas com igual tônus reavaliativo, localiza-se o caso de Gilberto Freyre, cuja teoria do “lusotropicalismo” esteve abolida, durante anos, de muitos cursos universitários. Mais recentemente, talvez sob o influxo desses tempos comemorativos e ideologicamente menos inflexíveis, começou a ser reabilitada.

No universo editorial brasileiro recente, seria supérfluo enumerar a grande quantidade de novos títulos ou de reedições, nas áreas da História, da Iconografia, da Antropologia ou da Sociologia que, pelo mesmo viés da “revisão”, retomam questões luso-brasileiras, numa perspectiva em tudo diferenciada daquelas publicações que, já antes de Salazar – e, por vezes, com patrocínio institucional dos dois governos – circulavam no Brasil para difundir a retórica bombástica oficial⁵ dos “indissolúveis laços luso-brasileiros...”

De laços falemos. Ou, antes, de “enlaces e desenlaces”. Ou, melhor ainda, de ações práticas para os evidenciar, aderindo, com os meios possíveis, a esse salutar processo crítico, liberto de ressentimentos e culpas, que venho de definir como fundamental.

Desde 1992, sou a editora da revista do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, *Convergência Lusíada*, que pouco prestígio alcançava nos meios universitários, uma vez que sua organização parecia ater-se mais aos interesses político-comunitários da tradicional “colônia portuguesa”, do que à difusão da pesquisa científica. Paulatinamente, tentei mudar-lhe o perfil, procurando convocar nomes respeitáveis da comunidade acadêmica para suas seções, aos quais solicitava a ênfase, tanto quanto possível, sobre esse diálogo luso-brasileiro para o qual eu antevia a publicação vocacionada. Um primeiro passo para “nobilitar” a revista, foi a requisição do ISSN. Depois, felizmente apoiada pela atual presidência do Real Gabinete, sob o pretexto das comemorações em torno do “Descobrimento do Brasil”, consegui dar o salto que desejava, organizando o número 17 como volume temático “Brasil e Portugal: 500 anos de enlaces e desenlaces”, para cujas 408 páginas convidei 32 nomes prestigiosos, de várias áreas do saber, como Letras, História, Antropologia, Sociologia. O sucesso foi enorme e a tiragem de mil exemplares em menos de um

4 ANDRADE, C. D. Casais Monteiro e o Brasil. In: BELLODI, Z. (Org.). *Cadernos de Teoria e Crítica Literária*, 10. Araraquara: Unesp, 1981. p. 18. A frase, em crônica de 6 de agosto de 1972, refere-se particularmente a Adolfo Casais Monteiro e Jorge de Sena.

5 Penso particularmente nas revistas luso-brasileiras, como a *Atlântida*, que foi objeto da dissertação de mestrado de Janise de Sousa Paiva, defendida na UFF em 2000.

ano estava esgotada, fato inédito na trajetória das edições da casa. O preparo da revista coincidiu com o convite para organizar um “Curso de Verão”, exatamente sob o mesmo título-tema, no prestigiadíssimo “Conventinho da Arrábida”, em Portugal, controlado pela CNCDP – Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses. Para esse curso, que teve ampla repercussão na imprensa portuguesa, selecionei alguns dos colaboradores desse número especial da revista, brasileiros e portugueses, e foi lá, em meio ao verde luxuriante debruçado sobre o mar, que fizemos seu “lançamento oficial”, dia 01 de agosto de 2000.

O êxito da publicação motivou-me a um segundo volume do mesmo título, lançado em 2001, com 366 páginas e 36 participantes. E só nessa altura dei-me conta de que não conhecia senão por telefone ou por *e-mail* muitos dos colaboradores que convidara para esses dois números especiais. Da mesma forma, constatei que pesquisadores que trataram de temas próximos não se conheciam. Ocorreu-me então promover uma reunião em que esses ensaístas se apresentassem uns aos outros. Marcada para o dia 24 de abril de 2001, no Real Gabinete, a ela compareceram 28 pesquisadores, da UFRJ, UFF, UERJ e PUC-Rio, predominantemente das áreas de Letras e História. Como resultado desse produtivo encontro, firmou-se a decisão de se criar uma entidade que a todos congregasse sob o elo comum do estudo das relações luso-brasileiras. Assim nasceu o PPRLB – Pólo de Pesquisa sobre Relações Luso-Brasileiras, logo inscrito no Centro de Estudos já existente no Real Gabinete, do qual cedo se tornou uma extensão dinâmica, e que hoje abriga cinco Núcleos de pesquisa – pelos quais se distribuem cerca de 40 estudiosos (docentes, pós-graduandos e graduandos) –, unidos por temáticas afins, evidentemente marcados pela perspectiva multidisciplinar: “Cultura e Sociedade”, coordenado primeiro por Maria Aparecida Rezende Mota (História/UFRJ), depois por José Bittencourt (História, Cerlub/MHN) e atualmente por Francisco Palomanes Martinho (História/UERJ); “Manuscritos e Autógrafos”, coordenado inicialmente por Ronaldo Menegaz (Letras/PUC-Rio e Biblioteca Nacional) e depois por Sonia Monnerat Barbosa (Letras/UFF); “Publicações e Leituras”, coordenado por Aníbal Bragança (História/UFF); “Migrações e Exílio”, coordenado primeiro por Gladys Sabina Ribeiro (História/UFF; PRONEX-Unicamp) e agora por Heloísa Paulo (História/UFRJ) e “A Literatura Portuguesa no Brasil”, coordenado por Ida Maria Santos Ferreira Alves (Letras/UFF). Ressalte-se que cada Núcleo goza de plena autonomia no planejamento de suas atividades, com o fito de preservar o perfil, a dinâmica e objetivos de cada um. O Núcleo “Manuscritos e Autógrafos”, por exemplo, ocupa-se em indexar o material autógrafo arquivado no Real Gabinete, que ainda não tinha sido objeto de classificação criteriosa.

Assim, constituído por professores e pesquisadores de vários ramos das Ciências Humanas, estabelecida a sua estrutura básica e definidas as suas perspectivas de trabalho, são claros os propósitos do PPRLB: incentivar o aprofundamento dos estudos voltados para as relações luso-brasileiras, em seus mais variados aspectos, e dar-lhes a desejada visibilidade. Nesse sentido, destaque merece a elogiada publicação virtual *Impressão Régia*,⁶ idealizada e editada pelo diligente companheiro Aníbal Bragança, que, ao divulgar as atividades desenvolvidas pelo PPRLB, ampliou enormemente o número de efetivos ou “virtuais” colaboradores. Com efeito, hoje o PPRLB tem “correspondentes” em vários estados brasileiros e no exterior, interessados todos no enfoque das relações luso-brasileiras. E – sem qualquer dúvida – todas as adesões serão bem-vindas.

Para celebrar um ano de existência de frutífero intercâmbio – pessoal e bibliográfico –, o PPRLB promoveu, nos dias 22 e 23 de abril de 2002, o Colóquio “Relações Luso-Brasileiras: Enlaces e Desenlaces”. Mesmo sem contar com qualquer apoio oficial, logrou reunir nos salões do Real Gabinete cerca de 150 participantes inscritos, e mais de 70 expositores, provindo s de várias universidades do Rio de Janeiro, de outros Estados brasileiros e de Portugal. Na ocasião, foi lançado mais um número especial (19) da revista *Convergência Lusíada*, de 448 páginas, agora com o título de “Relações Luso-Brasileiras” e já organizado pelos coordenadores do PPRLB. A grande maioria dos 33 ensaios aí publicados constitui-se como comunicações apresentadas no Colóquio, uma vez que os organizadores pretendiam transformar a revista em algo como “atas prévias”, o que se revela extremamente produtivo para eventos dessa natureza.

Outro resultado importante do PPRLB, e agora de visibilidade ainda mais ampla, foi o Simpósio “Relações Luso-Brasileiras: entre o ressentimento e o fascínio” que integrou o VIII Congresso da ABRALIC, realizado em Belo Horizonte, de 24 a 26 de julho último. Surgido no seio do PPRLB, congregou vários de seus participantes dentre os 24 inscritos. Sob a coordenação dos Profs. Drs. Silvio Renato Jorge e Ida Maria Ferreira Alves, ambos da UFF e membros entusiastas do PPRLB, acolheu também, em suas seis mesas-redondas, estudiosos vinculados não só às universidades do Rio de Janeiro (UFRJ, UFF, UERJ) mas ainda às de outros estados (UFRS, UFPR, UFMG) e mesmo do exterior (Universidade de Minnesota, USA).

Em âmbito mais restrito, vale assinalar o sucesso de dois Cursos de Extensão, promovidos pelo PPRLB e dedicados primordialmente a estudantes universitários, porém abertos ao público em geral. O primeiro, sob a coordenação

6 e-mail: impressaoregia@terra.com.br

de Gilda Santos e Ida Maria Ferreira Alves, recebeu o título “Rio-Lisboa: entre Letras e Artes” e realizou-se ao longo do mês de outubro de 2002, em promoção conjunta da UFRJ, da UFF e do próprio Real Gabinete. A segunda experiência bem-sucedida deu-se de maio a junho de 2003, organizada por Monica Figueiredo e Sérgio Nazar David, contando com o apoio institucional agora da UFRJ e da UERJ (além do Real Gabinete). Sob o título de “Nomes, Histórias e Terras”, esse curso congregou professores das várias universidades cariocas que abordaram em suas palestras personagens marcantes da Literatura Portuguesa e da Brasileira.

Tendo completado seu segundo ano de existência, o PPRLB, agora inscrito no “Diretório de Grupos de Pesquisa” do CNPq, prepara novas publicações, cursos e seminários. O relato comprova que essa experiência tem-se revelado extremamente produtiva e está transformando o magnífico espaço neomanuelino da Rua Luís de Camões em efetivo lugar de produção científica. E eu, como “Coordenadora-Geral” do PPRLB, eleita por meus pares e reconduzida no posto até abril de 2005, não posso deixar de atribuir o sucesso dessa iniciativa a todos aqueles que comigo vêm partilhando o peso e o prazer do levar avante um projeto digno e oportuno em que, de mãos enlaçadas, todos acreditamos.

Rio, agosto, 2002.

RESUMO

Partindo da constatação de que as comemorações dos “500 anos” desencadearam grande apetência para o revisitar e o refletir sobre o complexo diálogo luso-brasileiro, o texto noticia uma ação conjunta nesse sentido, idealizada por professores universitários e sediada no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro: a criação do Pólo de Pesquisa sobre Relações Luso-Brasileiras (PPRLB), em abril de 2001.

Palavras-chave: Relações luso-brasileiras, “Brasil: 500 anos”, Real Gabinete Português de Leitura.

ABSTRACT

After the celebrations of the 500 years of Brazil, one finds out that the celebrations unchained great appetency to think about the complex Luso-Brazilian dialog. This article gives word about a combined action thought by university professors and grounded in the Real Gabinete Português de Leitura in Rio de Janeiro: the creation of the Pólo de Pesquisa sobre Relações Luso-Brasileiras (PPRLB), in April, 2001.

Key-words: Luso-Brazilian relationships, Brazil 500 years, Real Gabinete Português de Leitura.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. D. Casais Monteiro e o Brasil. In: BELLODI, Z. (Org.). *Cadernos de Teoria e Crítica Literária*, 10. Araraquara: Unesp, 1981.